



Mulheres Guardiãs de Criações de Galinhas de Capoeiras no Cariri Paraibano

Maria Célia Araujo; Lays Milena Araujo Ferreira
CASACO – Coletivo ASA Cariri Oriental – email: celiaraujo13@hotmail.com

Eixo Temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Apresentação

Este Relato se refere a experiência de criação de galinhas de capoeira que desenvolvemos numa família formada por mulheres, inserida numa dinâmica de transição agroecológica territorial protagonizada por agricultoras e agricultores familiares, num contexto de região semiárida. Esta experiência se inspira na vivência como filha e neta de uma agricultora guardiã de galinha de capoeira e também nas diversas experiências de tantas mulheres agricultoras guardiãs da galinha de capoeira com as quais temos intercambiando práticas e vivências sobre esta criação, mas também construído coletivamente novas experiências de convivência com o semiárido.

Contextualização da experiência

A experiência de mulheres guardiãs de galinhas de capoeira esta situada na região semiárida do Brasil, microrregião do Cariri Oriental do estado da Paraíba, mais especificamente no município de Boqueirão. Localidade caracterizada por grandes variantes climáticas com destaque para longos ciclos de estiagens durante anos consecutivos. Nossos solos são jovens e predominantemente rasos. Essa região foi colonizada pela família Oliveira Ledo com objetivo de expansão da criação de gado, com isso a cultura coronelista se consolidou na região e até dias atuais estes grupos políticos que atuam na gestão pública da maioria dos municípios, reforçando uma cultura de submissão dos povos e alimentando uma ilusão de que a ascensão social se dará pela cultura dos fazendeiros.

Rompendo esse princípio, a partir de 2002 o conceito de agricultura familiar com base na convivência com o semiárido é dinamizado na nossa região com o surgimento e construção do Coletivo ASA Cariri Oriental (CASACO) que através de suas ações vem resgatando as experiências das famílias agricultoras, estimulando-as a fazerem a transição agroecológica de seus agroecossistemas a partir dos princípios da agroecologia e convivência com semiárido. O CASACO se constitui uma das dinâmicas territoriais da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA Paraíba), rede estadual voltada para o fortalecimento do projeto político de uma agricultura familiar agroecológica e de convivência com o semiárido paraibano.



Ao longo da caminhada construindo e fortalecendo as experiências das famílias agricultoras, houve evolução na concepção da agroecologia, identificando a temática Raças Nativas dos Animais, como fundamental para a convivência com o Cariri. Em diálogo com o Núcleo de Extensão Rural Agroecológica da Universidade Estadual da Paraíba (NERA/UEPB) e posteriormente com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), o CASACO desenvolveu com estas instituições estudos e pesquisa onde foram identificadas as famílias guardiãs das raças nativas com suas experiências de manejo e conservação destas raças.

Ao mesmo tempo em que o CASACO, motivado pelo Grupo de Trabalho Mulheres e Agroecologia da ASA Paraíba, desenvolveu ações voltadas para a valorização das experiências das mulheres agricultoras, estimulando-as a participarem ativamente da transição agroecológica dos seus agroecossistema e também dos espaços políticos de construção deste novo modelo de agricultura.

É nesta conjunção de interesses, temas, ações e articulações que iniciamos, junto com o CASACO, a experiência de valorização das mulheres guardiãs das galinhas de capoeira em sistemas agroecológicos e de convivência com o semiárido. E, nos tornamos uma das participantes da pesquisa “Mulheres Guardiãs das Galinhas de Capoeira”, realizada numa parceria envolvendo três dinâmicas da ASA Paraíba, entre elas o CASACO, o NERA/UEPB e o INSA.

Desenvolvimento da experiência

Desde criança temos contato com as criações de galinhas de capoeira criadas pelas mulheres agricultoras com quem convivíamos, especialmente com as galinhas de nossa mãe e avó, onde tínhamos responsabilidades de colher os ovos e colocar a ração para os pintinhos quando havia. Após adultas mantivemos a cultura e nunca deixamos de tê-las ao redor de nossa casa, com intuito de fornecimento de ovos e carnes, bem como contribuir na renda na família. O objetivo da criação de galinhas de capoeira se amplia mediante nosso envolvimento com o projeto de agricultura familiar de convivência com o semiárido, coordenado pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e em nível estadual pela ASA Paraíba e mais especificamente quando nos envolvemos com os estudos e pesquisa do CASACO em parceria com o NERA/UEPB e com o INSA voltadas para a valorização das galinhas de capoeira. A partir daí passamos a nos interessar pelas raças, e observamos que há um grande universo das raças de galinhas de capoeira, as quais destacamos: pedrez preta com branca, amarela, vermelha, preta, branca, azul, marrom, nanica, cucuruta, barbuda, pés de pena, sura, raça média, raça pequena, crista de rosa, crista de serra. Passamos também a recuperar algumas das raças que tínhamos perdido e a melhorar a seleção das raças de galinhas de capoeira, considerando as melhores no rebanho. Para tanto, algumas características das galinhas são levadas em consideração, tais como: boa criadeira, boa poedeira, boa resistência a doenças e verminoses, pouca pena, bom tamanho, carcaça pequena, bom crescimento e ganho de peso.



Nossa experiência é familiar, no entanto a partir do trabalho da Associação CASACO e através do grupo de trabalho das mulheres – GT de Mulheres, ela vem sendo replicada em diversas experiências ao redor de casa das famílias experimentadoras participantes do Coletivo ASA Cariri Oriental (figura 1).



Figura 1. Momento da Pesquisa sobre as Mulheres Guardiãs das Galinhas de Capoeira – Comunidade Bento de Cima – Boqueirão. Foto: Gracilene Macedo

Desafios

As galinhas de capoeira sempre estiveram presentes nos ambientes ao redor de casa das famílias agricultoras do semiárido brasileiro, garantindo segurança alimentar a partir dos ovos e da carne e também a renda dessas famílias, especialmente das mulheres. Tradicionalmente é um dos alimentos servidos em momentos festivos ao reunir a família, amigos e vizinhos. No entanto, com o avanço do agronegócio e suas estratégias de ocupação dos espaços da agricultura familiar através das políticas de crédito houve um grande avanço das granjas familiares de galinhas caipira ou mesmo da avicultura industrial para corte ou postura que além de serem animais que não são adaptados à nossa região, necessitam de todo um pacote tecnológico desde alimentação até vacinação que o agricultor tem que comprar fora. Neste modelo de criação, não há diversidade e os ciclos naturais destes animais não são respeitados pois são ofertados rações e vacinas para crescimento e abate acelerado. Tudo isso é resultado do agronegócio que busca a qualquer custo o lucro rápido não levando em consideração a saúde e a vida humana. Outro desafio é provocado pela estiagem prolongada de oito anos que nossa região vem passando, impossibilitando o lucro de milho crioulo cultivado pelas famílias agricultoras, forçando a compra de sementes transgênicas produzidas na região centro-oeste e sul do país. Contudo, estamos avançando na elaboração de rações produzidas em nossas propriedades qualificando a dieta ofertada a nossos criatórios.

Principais resultados alcançados

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Mediante esse trabalho conseguimos resgatar e multiplicar algumas raças de galinhas de capoeiras a exemplo da raça arrepiada, que vinha sendo extinta dos rebanhos e conseguimos aumentar em dez vezes a população desta raça em nossos rebanhos, assim como a raça azul. Atualmente temos uma boa representação das raças locais no nosso criatório. É interessante destacar como melhoramos nosso rebanho, fazendo a seleção das raças que temos interesse deixando as melhores criações para o nosso rebanho.

Evoluímos bastante na elaboração das rações, aumentando a oferta de proteínas a partir das plantas disponíveis ao redor das casas, tais como: gliricídea, leucena, feijão guandú, canafístula e algodão mocó. Utilizamos ainda, plantas medicinais, as quais destacamos: mastruz, saião, louro, manjeriço, alho, babosa. Destacamos também o potencial medicinal das plantas da caatinga que também são utilizadas nas rações para tratamentos preventivos, como a aroeira. As partes colhidas desta planta são as folhas e grãos, colocados para desidratar e moídos junto com milho em grãos na forrageira telada e transformados em farelos. Também utilizamos na ração cinza e cascas de ovos, como suplemento mineral. Dessa forma, ao utilizar a ração percebemos um constante na postura bem como um melhor desenvolvimento das galinhas.

Disseminação da experiência

Pelo fato de nós estarmos em constante diálogo com outras agricultoras e agricultores experimentadores, nossa experiência é facilmente difundida entre as famílias agricultoras da rede ASA, inicialmente no território do Cariri Oriental onde o CASACO atua e também através das visitas de intercâmbios entre agricultoras e agricultores familiares de outros territórios que vem dialogando sobre esta experiência. É importante destacar que os eventos organizados pela ASA também são momentos de socialização dos avanços que nossa experiência vem acumulando. Entre os eventos destacamos, o Seminário Estadual de Raças Nativas como momento muito estratégico para refletimos coletivamente sobre o que estamos fazendo e socializarmos com agricultoras e agricultores participantes que vem de todo estado da Paraíba e de alguns estados vizinhos, além de ser uma oportunidade de dialogar sobre demandas de estudos com pesquisadoras e pesquisadores de instituição de ensino e de pesquisa.